



INTERNACIONAL

Ano I Nº 305
13 de Novembro de 2008

Índice

"O G20 não pode decidir sozinho"	01
Revisão das regras do Consenso de Washington	02
Trabalhadores nas indústrias de aço discutem Ambiente	03
Acordo salarial evita greve de metalúrgicos na Alemanha	03
Trabalhadores da Nissan protestam na Espanha	03
Grandes expectativas: o que é possível esperar de Obama?	04

Lula na Itália:

"O G20 não pode decidir sozinho"

Transcrevemos abaixo o artigo do companheiro e amigo **Gianni Alioti**, do Departamento internacional da **Federação Italiana de Metalúrgicos (FIM)** da **Confederação Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL)**. Lula foi o convidado de honra na conferência internacional "Nova Economia, Nova Democracia", promovida pela **CISL**.

"O presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, intervindo na Conferência internacional "Nova economia, Nova democracia organizada pela CISL, criticou duramente o "capitalismo especulativo sem passaporte" promovido por "quem nos últimos 30 anos achou que o Estado fosse uma coisa completamente inútil, acreditando só no mercado". Diante de mais de 1.500 quadros sindicais da CISL reunidos em Roma no Auditório do Parque da Musica no dia 11 de novembro, Lula, depois ter lido uma breve intervenção escrita, decidiu de abandonar o protocolo oficial. "Falo como chefe de Estado, mas com este publico (desde velhos amigos sindicalistas até muitos jovens e imigrantes) gostaria mais falar como sindicalista".



[Clique na figura para assistir o vídeo de Lula na CISL](#)

O amigo Lula, o torneiro mecânico ex-sindicalista metalúrgico do ABC paulista, definiu a cúpula de sábado, 15 de novembro, em Washington "um bom começo, visto que antes a liderar o mundo se reunia só o G8 e agora vão participar 12 países ou 13 com a Espanha". O G20 (ou G21) não deve decidir sozinho, mas tem que escutar também a voz do mundo inteiro, a partir dos países mais pobres da África. Neste evento ele participa como presidente duma nação, mas sem esquecer as suas origens.

A lembrar a sua historia e os laços de amizade da **CISL** com o movimento sindical cutista brasileiro, desde a época da ditadura militar até hoje, Luigi Cal, o responsável do Departamento Internacional da CISL, que contou das greves dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo - lideradas por Lula - no final dos anos '70. Aquela luta mudou o rumo do sindicalismo e do Brasil. Hoje o Lula presidente da Republica brasileira é um personagem carismático, que tem um papel importante no cenário mundial por sua capacidade de articulação não só na América Latina, mas também com a África e com as economias emergentes da Ásia.

Por isso a **CISL** pediu ao Lula um seu compromisso com a Índia e a China para que Aung San Suu Kyi, prêmio Nobel pela paz e líder da oposição democrática birmanesa, possa ser reconquistar a liberdade. Índia e China, com a Rússia, são os três Governos que tem nas mãos a solução do problema da Birmânia, uma das mais ferozes ditaduras do mundo. >>

Na sua intervenção o Lula falou que para enfrentar a grave crise econômica e financeira global precisamos respostas políticas a nível global. Por exemplo, se a conclusão da Rodada multilateral de Doha sobre o comércio mundial era, antes da crise, uma oportunidade agora é uma necessidade dos países da América Latina e da África.

O mundo, além dos eventos negativos, mostra felizmente sinais de mudança que trazem esperança, como a eleição de Barack Obama. Para o Lula: "não é pouca coisa que nos Estados Unidos foi eleito um presidente negro, assim como não é pouca coisa que o Brasil tem um presidente torneiro mecânico, a Bolívia um índio e o Paraguai um bispo católico".

O mundo descobre o papel do Estado e a importância da política. Existe a vontade de se ter um marco ético e jurídico que não deixe a economia e a finança ir na contramão do respeito aos interesses do ser humano. O bispo Giampaolo Crepaldi, Secretário do Pontifício Conselho Justiça e Paz, lembrou que a doutrina social da Igreja coloca a pessoa no centro. No documento da Santa Sé para a Rodada de Doha o problema da governança passa também pela eliminação dos centros off-shore (que existem também na Europa), isto é os paraísos fiscais; e para um controle fiscal internacional, sendo que nos últimos anos o peso da imposição fiscal se transferiu do capital ao trabalho. Ao mesmo tempo os recursos para sustentar o desenvolvimento dos países do Sul sofreram uma redução, até o paradoxo que para cada euro que chega na África os países desenvolvidos do Norte ganham oito euros.

Em 2007 o crescimento do Brasil foi de 5,4% e as projeções de 2008 indicam uma expansão de 6%. As reservas são maiores que a da dívida e os esforços do Governo fazem que a crise econômica internacional não seja paga pelos trabalhadores brasileiros. O Brasil tem espaços também para as inversões do capital estrangeiro. Lula convidou os empresários italianos presentes a investirem no Brasil, afirmando que o maior "risco" que um empresário italiano pode ter é "ganhar mais dinheiro" do que na própria Itália, evidenciando as potencialidades e a força da economia do seu país, também diante à crise financeira. "Em todos estes anos, cada dia as agências de rating analisavam o risco Brasil e a gente tinha que lidar com isso; nunca tivemos uma agência que cuidasse do risco dos Estados Unidos".

Na abertura da Conferência **Liliana Ocmin**, peruana responsável nacional da coordenação das mulheres da **CISL** e **Abdoulaye Laity Fall**, senegalês secretário da **CISL** de Padova disseram que os Governos têm de entender que precisam escutar menos os analistas de mercado e mais os analistas das questões sociais, do desenvolvimento e a gente que vive a realidade do povo. A crise atual pode representar uma extraordinária oportunidade para abrir a nível global uma reflexão sobre o erro dos países do G8: ter esquecido a centralidade do desenvolvimento humano para favorecer uma cega especulação econômica e financeira.

Participaram do debate também **Maurizio Beretta**, diretor geral da Confindustria; o ministro de relações exteriores de Itália **Franco Frattini**, o deputado do Partido Democrático **Massimo D'Alema** e os secretários gerais da **CGIL**, Guglielmo Epifani da **UIL**, Luigi Angeletti e da **CISL**, Raffaele Bonanni que na sua intervenção falou de ser orgulhoso como sindicalista do trabalho feito por o companheiro Lula. (**Gianni Alioti, Departamento internacional da FIM-CISL**)

Revisão das regras do Consenso de Washington

Em pronunciamento à imprensa, ao lado do presidente italiano Giorgio Napolitano, Lula enfatizou que o foco da economia deve ser o trabalhador e a produção e não a especulação financeira.

"Penso que essa crise é uma oportunidade extraordinária para fazermos uma reflexão sobre tudo que fizemos de errado a partir do Consenso de Washington. E criarmos um outro consenso em que o ser humano, o trabalhador a produção agrícola, industrial, cultural científica e tecnológica sejam a razão de ser da economia e não a especulação financeira", disse Lula depois de conversa reservada de 40 minutos com o presidente italiano.



"Meu caro companheiro Giorgio Napolitano, na Assembléia Geral das Nações Unidas eu disse que para resolver a crise era chegado o momento da política. Eu penso que nesse momento os governantes precisam entender que nós precisamos ouvir menos analistas de mercado e mais analistas dos problemas sociais, analistas de desenvolvimento e analistas que conheçam as pessoas humanas", disse Lula.

No Japão, trabalhadores nas indústrias de aço discutem Meio Ambiente

Reunidos em Tóquio, metalúrgicos formularam documento que propõe ajuda aos países em desenvolvimento para a diminuição nas emissões de gases. O secretário de Finanças da CNM/CUT, José Wagner de Oliveira, representou o Brasil no encontro.

Entre os dias 5 e 6 de novembro, representantes metalúrgicos de todas as regiões do mundo discutiram o aquecimento global e a emissão de dióxido de carbono nas indústrias do aço.



José Wagner de Oliveira (centro), foi o representante da CNM/CUT no encontro

O encontro realizado na cidade de Tóquio, foi uma iniciativa da Federação Internacional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas (FITIM), e contou com a participação do secretário de Finanças e Coordenador do Setor Siderúrgico na Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), José Wagner de Oliveira, que representou os metalúrgicos brasileiros no Japão.

Segundo José Wagner, as discussões se deram a partir da proposta apresentada pela FITIM para aprovação de um documento que dê conta de "empregos seguros para um futuro melhor na indústria do aço em todo o mundo".

O documento construído na reunião levou em consideração a preocupação com o clima, no que se refere ao aquecimento global dos últimos 30 anos em todo o planeta. "Para os membros deste encontro, é de vital importância que a FITIM e os sindicatos liderem um acordo internacional que habilite cada país a fazer uma transição para diminuir o nível de emissão de dióxido de carbono (CO₂)", disse o representante brasileiro.

O conteúdo do documento apresenta a proposição de ajuda aos países em desenvolvimento, por meio da transferência de tecnologias e o comprometimento das empresas. O ponto mais polêmico foi em relação à China, já que nenhum acordo será efetivo sem que o país asiático se comprometa a cumprir as resoluções.

Este documento consensual será apresentado à executiva da FITIM, em reunião que acontecerá na cidade de Copenhague, em 2009.

Acordo salarial evita greve de metalúrgicos na Alemanha

Os empregados da indústria metalúrgica e eletroeletrônica da Alemanha conquistaram nesta quarta-feira (12/11) um aumento salarial de 4,2%. O acordo foi alcançado após 23 horas de negociação entre o sindicato IG Metall e os patrões, representados pelo Südwestmetall.

O IG Metall pedia 8% no início das negociações. Os patrões falavam num aumento de 2,1%. O percentual de 4,2% virá em duas parcelas de 2,1%, uma em fevereiro e a outra a partir de maio de 2009.

O acerto evitou a primeira greve em seis anos naquele que é um dos principais setores da indústria alemã e que emprega cerca de 3,6 milhões de trabalhadores. (DW, 12.11.2008)

Trabalhadores da Nissan protestam contra demissões na Espanha

Mais de mil trabalhadores na montadora japonesa Nissan organizaram uma manifestação contra um plano de 1.680 demissões que terminou com violência, na terça-feira, em frente à sede da companhia em Barcelona.

Os manifestantes - que eram mais de mil, segundo a mídia espanhola - bloquearam durante uma hora a Gran Vía de Barcelona, uma das principais avenidas da cidade. Ao chegar à sede da Nissan, vários deles começaram a jogar ovos, pedras e outros objetos contra a fachada do prédio.

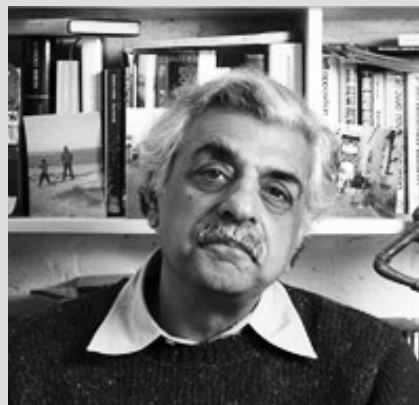
A Nissan planeja demitir 40% dos trabalhadores de sua fábrica em Barcelona, em um projeto que prevê o corte de 1.288 empregos em 2008 e de 392 em 2009 em duas fábricas de Barcelona, segundo o plano apresentado nesta segunda-feira ao comitê da empresa. (AFP, 12.11.2008)

Grandes expectativas: o que é possível esperar de Obama?

O significado histórico da eleição de Obama não deve ser subestimado. Basta lembrar que ocorreu em um país onde a Ku-Klux-Klan chegou a ter milhões de membros capazes de executar uma campanha de terror e morte contra cidadãos negros com o apoio de um sistema jurídico discriminatório. É um momento horrível para ser eleito presidente, mas também é um desafio. Que tipo de mudanças podemos esperar com Obama que assume um país em processo de desindustrialização e fortemente dependente das finanças globais?

Tariq Ali - Sin Permiso

A vitória de Barack Obama supõe uma mudança geracional e sociológica decisiva na política dos Estados Unidos. É difícil, nestes momentos, prever seu impacto, mas as expectativas suscitadas entre a gente jovem que impulsionou Obama seguem sendo grandes. Talvez não tenha sido uma vitória arrasadora, mas foi suficientemente ampla para permitir que os democratas ficassem com mais de 50% do eleitorado (62,4 milhões de votantes) e colocassem uma família negra na Casa Branca.



O significado histórico deste fato não deveria ser subestimado. Basta lembrar o que ocorreu no país em que a Ku-Klux-Klan chegou a ter milhões de membros capazes de executar uma campanha de terror e morte contra cidadãos negros com o apoio de um sistema jurídico discriminatório. Como esquecer aquelas fotos de afroamericanos linchados diante do olhar complacente de famílias brancas que desfrutavam seus piqueniques enquanto contemplavam – para dizê-lo na voz memorável de Billie Holliday – “corpos negros balançando-se com a brisa do sul, um fruto estanho pendurado nos álamos”?

Mais tarde, as lutas dos anos 60 pelos direitos civis forçaram a reversão da segregação e impulsionaram as campanhas a favor do voto negro, mas também conduziram ao assassinato de Martin Luther King e de Malcom X (justo quando este começava a insistir na unidade dos brancos e negros contra um sistema que oprimia a ambos). Tornou-se um lugar comum assinalar que Obama não faz parte desta lista. Não é assim, contudo, como mostram os 96% de afroamericanos que saíram de casa para votar nele. Pode ser que se desiludam, mas por enquanto celebram a vitória e ninguém pode culpá-los por isso.

Há apenas duas décadas, Bill Clinton advertia seu rival, o progressista governador de Nova York, Mario Cuomo, que os Estados Unidos não estavam preparados para eleger a um presidente cujo nome acabasse em “o” ou em “i”. Há apenas alguns meses, os Clinton cediam abertamente ao racismo insistindo que os votantes da classe trabalhadora rechaçariam a Obama, lembrando aos democratas que Jesse Jackson também tinha ido bem nas primárias. Uma nova geração de eleitores demonstrou que eles estavam equivocados: cerca de 66% dos que tinham entre 18 e 29 anos, ou seja, 18% do eleitorado, votaram por Obama; 52% dos que tinham entre 30 e 44 – uns 37% do eleitorado – fez o mesmo.

A crise do capitalismo desregulado e de livre mercado fez disparar os apoios a Obama em estados até então considerados território republicano ou de democratas brancos, acelerando o processo que derrotaria a dupla Bush/Cheney e seu bando de neo-cons. No entanto, o fato de que a dupla McCain/Palin obteve, apesar de tudo, 55 milhões de votos, é uma lembrança da força que a direita estadunidense ainda conserva. Os Clinton, Joe Biden, Nancy Pelosi e muitos outros pesos pesados do Partido Democrata utilizaram este dado para pressionar Obama a fim de que ele permanecesse fiel ao roteiro que lhe permitiu ganhar a eleição. Não obstante, os slogans bem-intencionados e anódinos não serão suficientes para garantir um segundo mandato. A crise avançou demasiado e as questões que preocupam aos cidadãos estadunidenses (como pude comprovar estando lá, há algumas semanas) têm a ver com o emprego, a saúde (40 milhões de cidadãos sem seguro de saúde) e a habitação.

Só com retórica não é possível enfrentar a queda da economia: as dívidas do setor financeiro superam a casa de um trilhão de dólares e ainda ameaçam gigantes bancários; o declínio da indústria automobilística gerará desemprego em uma escala mais ampla e seguirão os efeitos do salto ao vazio ao qual Wall Street hipotecou as futuras gerações de norte-americanos. As medidas adotadas, em meio ao pânico, pela administração Bush, medidas desenhadas e adotadas pelo amigo dos banqueiros e secretário do Tesouro Paulson, privilegiaram uns poucos bancos e foram subsidiadas com fundos públicos.

Os democratas e Obama apoiaram os acordos e será difícil para eles desdizer-se e mover-se em outra direção. O aprofundamento da crise, no entanto, pode forçá-los a fazê-lo. As medidas de austeridade sempre atingem os menos privilegiados, e a maneira como o novo presidente e sua equipe enfrentarão o novo cenário será determinante para seu futuro.

É um momento horroroso para ser eleito presidente, mas também é um desafio. Franklin Roosevelt aceitou esse desafio nos anos 30 e impôs um regime social-democrata de regulação da economia, baseado em empregos públicos e em um apelo imaginativo à cultura popular. A existência de um forte movimento operário e a esquerda estadunidense contribuíram decisivamente para o surgimento do New Deal. E a existência dos Reagan-Clinto-Bush para liquidar seu legado. O que há agora, portanto, é uma economia nova, um país desindustrializado e fortemente dependente das finanças globais.

Terá Obama a visão ou a força para voltar ao tempo e avançar ao mesmo tempo? Em matéria de política externa, a posição de Obama/Biden não diferiu muito da de Bush ou Mc Cain. Um New Deal para o resto do mundo exigiria uma saída rápida do Iraque e Afeganistão e um ponto final a estas aventuras em qualquer outra região do planeta. Biden, praticamente, se comprometeu com a balcanização do Iraque. Mas esta alternativa resulta cada vez mais improvável: o resto do país, o Irã e a Turquia se opõem, se bem que por razões diferentes, à criação de um protetorado norte-americano-israelense no norte do Iraque com bases permanentes dos EUA. Na verdade, alguém deveria aconselhar Obama a anunciar uma retirada rápida e completa. Sobretudo levando em conta que, com a crise, os custos de permanecer no Iraque tornaram-se proibitivos.

O mesmo se pode dizer de um eventual deslocamento de tropas do Iraque para o Afeganistão: só recriaria o mesmo problema em outro lugar. Como numerosos especialistas em inteligência, militares e diplomatas britânicos advertiram, a guerra no sul da Ásia está perdida. Sem dúvida, Washington está consciente disso. Daí as negociações, propiciadas pelo medo, com os neo-talibãs. Só resta esperar que os conselheiros de Obama em matéria de política externa forcem uma retirada também nesta frente.

E o que dizer da América do Sul? Seguramente Obama deveria imitar a viagem de Nixon a Beijing, voar a Havana e acabar com o bloqueio diplomático e econômico a Cuba. Inclusive Colin Powell deu-se conta de que o regime havia feito muito por sua gente. Será difícil para Obama predicar as virtudes do livre mercado, mas, em troca, os cubanos poderiam ajudá-lo a estabelecer um sistema de saúde decente nos EUA. Essa é uma mudança que a maioria dos estadunidenses desejaria. Outros países da América do Sul que previram a crise do capitalismo neoliberal e começaram a reconstruir suas economias há uma década também poderiam oferecer algumas lições.

Se a mudança acabar em nenhuma mudança, então poderá ocorrer que, passados alguns anos, quem apoiou Obama para a Casa Branca decida que a criação de um partido progressista nos Estados Unidos tornou-se uma necessidade. (Tradução de Katarina Peixoto) (*Carta Maior*, 12.11.2008)

Tariq Ali é membro do conselho editorial de Sin Permiso. Seu último livro publicado é "The Duel: Pakistan on the Flight Path of American Power".